

Por Caroline Martin  
Especial para O Papel



Roberto Haddad: “Se por um lado temos diversos desafios a superar, por outro os investidores querem entrar ou aumentar a participação que já têm no território brasileiro”

## BRASIL É O ÚLTIMO DO RANKING DE COMPETITIVIDADE DE CUSTOS

**A** pesar do significativo aumento no interesse de muitas empresas em atender ao grande e crescente mercado doméstico brasileiro, os custos no Brasil são maiores do que os observados em outros países de alto crescimento, como China, Índia, México e Rússia, segundo conclusão da pesquisa *Competitive Alternatives 2012*, realizada pela KPMG.

O estudo apresenta uma comparação independente dos locais internacionais de negócios em mais de 110 cidades em 14 países. O levantamento faz uma reflexão sobre uma ampla gama de questões no momento da avaliação da competitividade para os negócios, com foco nos custos empresariais e também em características da população, dados demográficos, educação, mão de obra qualificada, inovação, infraestrutura, condições econômicas, ambiente regulatório, custo e qualidade de vida.

A edição de 2012 é a primeira do estudo *Competitive Alternatives* a examinar países de alto crescimento e comparar a competitividade de custo. “O motivo de inclusão se deve ao fato de tratar-se de países de relevância no atual cenário econômico mundial e que estão tendo mais foco de investimento. Por isso, avaliar os respectivos custos é fundamental em uma pesquisa desse tipo. Para os investidores, é interessante estar a par dos custos, desafios e oportunidades existentes em cada um desses países”, aponta Roberto Haddad, sócio da área de Tributos Internacionais da KPMG no Brasil.

Baseado nesse objetivo, o estudo constatou que a China e a Índia são os líderes entre os países de alto crescimento estudados, com custos empresariais gerais 25,8% e 25,3%, respectivamente, abaixo da base de referência norte-americana. O México, por sua vez, apresenta custos 21% menores do que os norte-americanos, enquanto a Rússia tem uma diferença de 19,7% também na comparação com os custos dos Estados Unidos. No caso do Brasil, a vantagem competitiva dos custos chega a apenas 7% em relação à economia norte-americana, número que coloca o País na última posição do *ranking*.

Os baixos custos de mão de obra alicerçam a vantagem competitiva para a China (com os menores custos no setor de manufatura) e a Índia (segmentos de serviços). Em contrapartida, os fatores que causam desvantagens ao Brasil dizem respeito à base salarial e aos impostos. “Os níveis salariais brasileiros, incluindo o mínimo, estão significativamente acima daqueles dos outros países de alto crescimento estudados, e a alta carga tributária também impacta o desempenho total de custos do Brasil”, afirma Haddad.

O sócio da área de Tributos Internacionais da KPMG ressalta, contudo, que não há como responsabilizar um único fator e considerá-lo causador da última colocação no *ranking*. Na entrevista a seguir, Haddad faz uma análise detalhada do atual cenário brasileiro, lista os fatores de desequilíbrio e revela os impactos que podem causar no interesse dos investidores internacionais pelo País.

China e Índia são os líderes entre os países de alto crescimento estudados, com custos empresariais gerais 25,8% e 25,3%, respectivamente, abaixo da base de referência norte-americana

**O Papel** – Quais motivos levaram o Brasil a apresentar os maiores custos diante dos outros quatro países de alto crescimento? A carga tributária brasileira se destaca como grande responsável?

**Roberto Haddad** – Eu não creditaria toda a responsabilidade à carga tributária, não. Trata-se de um estudo bem completo, pois, para ter um *ranking* de países com base em custos e competitividade, é preciso avaliar vários fatores. Entre os pontos analisados, estão não apenas os custos mensuráveis, como custos trabalhistas, de impostos, de infraestrutura e de energia (ou seja, todos aqueles que envolvem uma atividade econômica), mas também questões que impactam a atividade indiretamente. Em outras palavras, são questões que não são mensuráveis tão facilmente, a exemplo das características da população do país, do *status* da educação e do número de profissionais preparados para o mercado de trabalho existente. Então, isso quer dizer que qualquer posição no *ranking* apresentado é reflexo de um conjunto de fatores. Não é possível responsabilizar, tanto no Brasil quanto em qualquer outro país estudado, nenhum item em específico pelo posicionamento. Acredito que o gargalo brasileiro ficou evidenciado porque talvez o País não estivesse preparado para um crescimento tão grande e para um reposicionamento tão repentino. Certamente esse avanço é um mérito do País, que fez o dever de casa bem feito economicamente, mas, ao mesmo tempo, está relacionado ao declínio de outros países. Visualizo o cenário mundial com menos competidores, fator que gera mais oportunidades. O Brasil, entretanto, ainda não está preparado para competir da melhor forma.

**O Papel** – Quais desvantagens competitivas esse fator de alto custo pode acarretar ao País? O interesse de outros países em investir no Brasil, por exemplo, pode ser comprometido?

**Haddad** – Antes de falar do que pode atrapalhar, é importante entender que o Brasil atualmente está em posição de destaque. Se por um lado temos diversos desafios a superar, por outro os investidores querem entrar ou aumentar a participação que já têm no território brasileiro. Isso tem a ver com várias questões. A primeira: diante de um ambiente sistêmico de crise, de muita insegurança e incerteza, o Brasil se diferencia com uma questão fiscal e financeira fortalecida. A segunda: até mesmo aqueles países que não estão no centro da crise perderam um pouco do foco de investimentos, sendo em geral, mercados mais maduros, que têm muito mais competitividade, mas, em contrapartida, não apresentaram quantidade significativa de entrantes no mercado consumidor. O Brasil, por sua vez, desponta como na-

ção cujo mercado consumidor aumentou em cerca de 30 milhões a 40 milhões de pessoas – uma enormidade de que não estava no radar de mercado consumidor anos atrás e que, hoje, tem muito mais poder aquisitivo e crédito. Além disso, existem questões pontuais que têm colocado o Brasil no radar internacional, como a descoberta de muito petróleo e um mercado gigantesco ao redor disso. Vale ainda lembrar que as competições esportivas agendadas para os próximos anos também atraem muito investimento. O momento, portanto, é muito favorável ao Brasil, fazendo com que muitos investidores vejam o País com uma atenção especial.

**O Papel** – Mas quais seriam as maneiras apropriadas de reduzir os custos que colocaram o Brasil na última posição do *ranking* e, assim, melhorar o posicionamento em termos de competitividade?

**Haddad** – No Brasil, ainda há uma lacuna na educação de todos os níveis. Se compararmos com a China, veremos uma população que só pode ter um filho por família e que investe muito mais na formação de suas crianças. Como resultado disso, a China está formando profissionais muito bem qualificados para o futuro. Certamente, também teremos bons profissionais por aqui, mas não sei dizer se estamos no mesmo nível quantitativo. Falando em infraestrutura, as melhorias precisam ser feitas em diversas áreas. Nossos aeroportos, por exemplo, não têm estrutura adequada para atender a um grande número de pessoas, desenhando um cenário que dificulta a entrada no Brasil. A escassez de hotéis é outro ponto que chama a atenção quando se trata de infraestrutura. Isso faz com que as vagas disponíveis dobrem de preço. Todo esse conjunto mostra uma diversidade de falhas: não há educação apropriada, não há aeroportos de grandes capacidades, não há hotéis suficientes. Na parte de custos mensuráveis, o estudo mostrou que os salários são maiores no Brasil, mas acredito que o salário brasileiro é maior do que os de outros países porque acaba sendo usado para cobrir gastos que deveriam ser supridos pelo governo, como saúde. Não acho que a solução seja reduzir os salários do Brasil e equipará-los aos da China, que, inclusive, ainda apresenta diferentes formas de trabalho escravo. A questão brasileira a ser resolvida refere-se à destinação dos impostos, que impactam fortemente os custos trabalhistas. Em cima das remunerações, há encargos trabalhistas muito altos, que custam em média 60% a mais do salário. Finalmente, há a questão dos impostos, embora seja um engano considerar o imposto de renda como grande responsável pelo impacto no *ranking*. Apesar de a taxa de imposto de renda no Brasil ser de 34%, o valor equivale ao de outros países. A média mundial é de 30%. Talvez o gran-

de impacto seja resultado da quantidade excessiva de impostos vista no Brasil, como IOF, IPI, ICMS e outros.

**O Papel** – Existem condutas seguidas nos outros quatro países em desenvolvimento que poderiam ser adotadas no Brasil, a fim de minimizar os custos vistos atualmente?

**Haddad** – Sempre temos de aprender com bons exemplos, mas são linhas bastante diferentes das seguidas no Brasil e não podemos desprezar a questão cultural de cada país. Neste aspecto, inclusive, vejo uma vantagem: o Brasil é o mais ocidentalizado entre os outros quatro países avaliados. O fato de ter formas de falar e agir semelhantes aos países ocidentais cria um vínculo maior e gera mais facilidades. Se, porém, fôssemos nos espelhar em algo, acredito que a dedicação incondicional com a educação seria uma boa opção. Deveríamos dedicar mais esforços sobre educação, pois, tendo gente preparada, é possível resolver todo o resto.

**O Papel** – Quais são suas expectativas em relação à solução dos gargalos apresentados?

**Haddad** – No curto prazo, não vejo melhorias tão expressivas, pois estamos em um posicionamento bem distante no *ranking* em relação aos primeiros colocados. Sem dúvida, no entanto, estamos vendo inúmeras iniciativas de mudanças. A preocupação de reduzir o encargo trabalhista vale como um exemplo que já se tornou realidade, assim como a consciência de investir em infraestrutura. Eu diria que,

com a proximidade dos eventos esportivos, não há modo de não vermos avanços em infraestrutura básica. Demos sorte e tivemos competência para ganhar a disputa para sediar tais eventos. Talvez, se não tivéssemos esses eventos no calendário, essas mudanças não seriam vistas tão cedo. A tendência, na minha opinião, é de melhorias. ■

**Posições e índices de custos para países apresentados no estudo *Competitive Alternatives 2012*, realizado pela KPMG**

Posição geral em 2012	Posição dentro do segmento	País	Índice de custo de 2012	Vantagem de custo ante os EUA
<b>Mercado de alto crescimento</b>				
1	1	China	74,2	25,8%
2	2	Índia	74,7	25,3%
3	3	México	79,0	21,0%
4	4	Rússia	80,3	19,7%
5	5	Brasil	93,0	7,0%
<b>Mercado desenvolvido</b>				
6	1	Reino Unido	94,5	5,5%
7	2	Holanda	94,7	5,3%
8	3	Canadá	95,0	5,0%
9	4	França	96,1	3,9%
10	5	Itália	97,9	2,1%
11	6	Estados Unidos	100,0	0,0%
12	7	Alemanha	100,1	-0,1%
13	9	Japão	109,4	-9,4%

# NÓS TRABALHAMOS SÉRIO PARA QUE SUA CALDEIRA TENHA O MELHOR DESEMPENHO

Nós da Atlanta, entendemos perfeitamente a importância do desempenho da caldeira dentro de uma usina e o que reflete uma parada emergencial por defeitos em peças. Estamos a mais de 20 anos no mercado atendendo grandes usinas do país, garantindo que nossos clientes tenham os melhores desempenhos em cenários cada vez mais competitivos. Estamos situados em Indaiatuba, região próspera do interior de São Paulo, estrategicamente bem localizada, próxima da maior malha rodoviária do Brasil, além da proximidade com o Aeroporto de Viracopos e em breve do maior Porto Seco da América Latina. Ao colocar na balança, qualidade, logística, competência e preço, é difícil não optar pela Atlanta. Faça um contato com nossa equipe comercial

O2 Design 19 3318 1738

